

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ CONEXÕES AFRICANAS

Bruno da Costa Lelis

Graduando em Ciências Sociais (UFMG).

Bolsista do Programa de Educação Tutorial em Ciências Sociais da UFMG.

Contato:

brunodcleis1@gmail.com.

Caio Jardim-Sousa

Graduando em Ciências Sociais (UFMG).

Bolsista do Programa de Educação Tutorial em Ciências Sociais da UFMG.

Contato:

caio.lujaso@gmail.com.

Lucas Henrique Nigri Veloso

Graduando em Ciências Sociais (UFMG).

Bolsista do Programa de Educação Tutorial em Ciências Sociais da UFMG.

Contato:

lucasnveloso@gmail.com.

Em sua obra *Combatendo o racismo*, Antonio Guimarães (1999) nos alerta sobre uma das características que deveriam distinguir os Estados democráticos modernos — incluindo o Brasil — de outros períodos históricos: a universalização do conceito de *igualdade humana*. Entendida como expressa e garantida nas constituições e leis dos Estados, esta máxima, em tese, nortearia o conjunto de relações que compõe o corpo social. Entretanto, características biológicas, somáticas e culturais ainda são usadas como justificativas para opressões, exclusões e violências na vida cotidiana brasileira. Por isso, mesmo que os enquadramentos depreciativos de gênero ou de raça sejam por vezes considerados como ilegais e criminosos do ponto de vista jurídico, verificamos sua perpetuação e reprodução em escalas sociais de nível micro a macro. Por consequência, essa situação promove o *não-reconhecimento* afetivo, cultural e econômico de diversos grupos, identidades e corpos, evidenciando um grave problema nos próprios fundamentos do Estado.

A igualdade parece ser um ideal ainda não alcançado. Nesse sentido, como estudantes de Ciências Sociais, entendemos que a situação acima descrita não é um problema metafísico ou individual, mas de causa e interesse coletivo. Por isso é um de nossos deveres denunciar efeitos perversos e mazelas que se apresentam na vida coletiva através da produção de conhecimento: um conhecimento que seja ferramenta, potência de questionamento, linha de fuga do fluxo da vida cotidiana e que deve estar ao alcance de todos. Assim, é necessário que este tipo de reflexão acadêmica não esteja contida nas salas de aula, mas que transborde os muros da universidade e reverbere na própria sociedade civil. Não é em vão que nos diz Jacques Rancière, em *A partilha do sensível* (2005), que a contestação da ordem e da dominação demanda uma intervenção no sensível, evidenciando aquilo o que *não é* ou que *não pode ser dito*, tornando-o político ao corporificá-lo na cena pública.

Movidos pela crença na contestação pela reflexão, o Programa de Educação Tutorial (PET) de Ciências Sociais da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) anualmente promove a Jornada de Ciências Sociais na UFMG. Neste evento, procuramos reunir pesquisadores, estudantes e a comunidade para discutir temas relevantes à Antropologia, Arqueologia, Ciência Política e Sociologia e à própria comunidade brasileira. Em sua décima-segunda edição, em outubro de 2015, a jornada "Conexões Africanas" buscou apresentar as diversas relações sociais e culturais que aproximam e que confundem as fronteiras geográficas e sociais entre o Brasil e a África. Nesse percurso, procuramos apresentar ao público uma parcela da beleza e da multiplicidade da cultura de matriz africana, criando relações entre religiosidades, arqueologia, política e outros assuntos que não se encontram restritos aos países africanos, mas que ecoam, reverberam e influenciam o próprio cotidiano brasileiro.

Os trabalhos contidos na revista exemplificam os traçados teóricos que desejávamos na elaboração do evento, além de outros dois feitos a convite do Conselho Editorial da Revista, como uma reflexão fértil e potente de (re)ver a escola a partir da diversidade em *Descolonização, reinvenção escolar e filosofia africana Ubuntu: uma relação possível* por Jonathas Vilas Boas de Sant'Ana. Sob levantamentos e catalogação dos acervos em marfim de Minas Gerais em *Circulação de Marfim entre Portugal, Guiné, Angola e Minas Gerais (1700-1800)* de Mariana Rabêlo de Farias. O resgate histórico dos hábitos alimentares de escravos e senhores escravistas de Geraldo P. de Moraes Jr. O mapeamento de uma controvérsia sociotécnica no norte de Moçambique no texto *O Muro e a Linha*, de Helena S. Assunção, Raul L. de Oliveira e Ana Luísa J. Martins. As interpretações dos registros de Machado de Assis realizadas por Harion M. C. Custódio. Além de "lê viva a todos os mestres!": *A Capoeira Angola e a Importância do Mestre Popular* apresentando os valores e saberes ancestrais por Ana Luísa Silva e Juliano Canedo Antunes. O dossiê conta também com a entrevista "África: para além de um continente em conexão" realizada por Gustavo Silva e Maurício Sousa com a Professora Dra. Vanicleia Silva Santos.

Além das mesas de trabalho e palestras protagonizadas por pesquisadores e acadêmicos especialistas na temática, um de nossos objetivos principais foi realizar agenciamentos coletivos mais amplos para construir uma jornada mais polifônica. Nesse sentido, organizamos uma potente roda de conversa, "África Minha",

onde diversos estudantes oriundos de países africanos e que compõem a comunidade da UFMG puderam apresentar suas dificuldades e alegrias, estranhamentos e familiaridades em relação aos modos de vida habituais do Brasil. Graças a estas pessoas, uma bela exposição de fotos foi construída, na qual lembranças da África tornaram-se imagem e presença, despertando uma diversidade de afetos naqueles que puderam visualizá-las. Também organizamos uma feira de artesanato africano, realizada por artistas independentes que puderam divulgar seus trabalhos ao público da UFMG. Ao exibir o documentário *Quilombos da Bahia*, também foi possível contribuir com a valorização da memória negra que vive no Brasil através dos depoimentos e histórias de vida registrados neste audiovisual. Desse modo, acreditamos que a polifonia da Jornada "Conexões Africanas" provocou uma verdadeira intervenção na sensibilidade não só daqueles que a testemunharam fisicamente, mas também através da divulgação pela TV e Rádio UFMG.

A publicação desta revista também é um dos resultados concretos de nossa busca por um agenciamento coletivo de saberes e experiências. Através da construção de grupos de trabalho para apresentação de artigos e pesquisas de estudantes da graduação, uma intensa troca de experiências e saberes foi promovida, também envolvendo professores debatedores e público interessado. Devido à grande qualidade dos trabalhos, que envolviam diversos estudos sobre a cultura africana tanto no Brasil quanto na África, nasceu um grande desejo de publicar os trabalhos expostos.

Este empreendimento só pôde ser realizado graças à parceria que se deu entre o PET de Ciências Sociais e a Revista Três Pontos que, há mais de doze anos, contribui na divulgação de trabalhos acadêmicos de graduação e para a formação de novos pesquisadores. Após muito trabalho, estamos orgulhosos de apresentar esta edição da revista que poderá incitar e contribuir para a discussão e pesquisa daqueles que procuram realizar uma conexão entre o Brasil e a África. Também nos orgulha, graças aos inúmeros agenciamentos realizados, apresentar um produto construído de forma múltipla, rizomática, polifônica e de imensa potência política por tratar de uma questão tão importante para se repensar os problemas e assimetrias que perpassam a sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. (1999), "Combatendo o racismo: Brasil, África do Sul e Estados Unidos". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 14(39), 103-117.
- RANCIÈRE, Jacques. (2005), *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: EXO experimental org.: Ed. 34.